

# *SENHORAS & SENHORES: HAROLDO MARANHÃO\**

Rodolfo A. Franconi\*\*

**N**um inesquecível 1.<sup>º</sup> de janciro de 1987, Haroldo Maranhão recebeu-me, às 15 horas, em seu apartamento no Flamengo. “Para mim qualquer dia é dia de trabalho, não tem disso de Ano Novo aqui em casa”, foi sua resposta, por telefone, diante da minha emoção em acertarmos uma entrevista para tal dia. Senti, imediatamente, às primeiras palavras trocadas em sua casa, que estava diante de um homem de espontaneidade e amabilidade notáveis. A entrevista, ou melhor, o bate-papo, estendeu-se até a noite sem que eu, pelo menos, houvesse percebido o tempo passar. Tomamos sorvete, cometemos chocolate — fraquezas declaradas de Haroldo — e, entre as informações que dele ia recebendo, percorremos parte da sua admirável e invejável biblioteca, composta, em grande parte, de valiosas primeiras edições autografadas. (Haroldo teve por vários anos, em Belém, uma livraria, a Dom Quixote, “administrada com o coração”, por onde passaram, entre outros, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, numa memorável noite de autógrafos em 1960.)

\* Este ensaio é, em parte, consequência das longas conversas sobre Haroldo Maranhão que tive a oportunidade de manter com Benedito Nunes, durante sua estada, na primavera de 1990, em Nashville, quando o convidamos para passar um semestre como Professor Visitante no Departamento de Espanhol e Português da Vanderbilt University. Quanto à longa amizade entre Haroldo Maranhão e Benedito Nunes, amizade que data da infância de ambos, durante os anos subsequentes só fez intensificar-se, apesar da distância imposta pela mudança de Haroldo de Belém para o Rio por mais de três décadas e, recentemente, para Juiz de Fora, em Minas Gerais.

\*\* Dartmouth College.

Aproveito, a seguir, a título de ilustrar o sucedido quando da visita do famoso casal de intelectuais franceses — fato real que, naturalmente, transformou-se em peça literária na pena de Haroldo — a versão do próprio Autor saída no *Caderno de leitura*:

O dono da Dom Quixote mandara vir 500 exemplares de *Furacão em Cuba*, coletânea de reportagens de Sartre publicadas na imprensa francesa, uma loucura aconselhada naturalmente pelo patrono da livraria. O lucro ia-se no frete aéreo. (Em livro, artes de Sabino, Braga & Acosta, da Editora do Autor, só existe no Brasil; na França não se fez volume das reportagens.) (...) Os que tinham o seu sartrezinho em francês levaram para o inesperado autógrafo. Os 500 exemplares sumiram. Era a glória!<sup>1</sup>

Um ano depois, Haroldo deixava Belém. Com ele, seus livros queridos. A estes foram-se juntando outros mais, muitos mais. Nas estantes do imenso apartamento em que morava o Autor, com vista para os jardins do Palácio do Catete<sup>2</sup>, por quantos livros raros lindamente encadernados o bibliófilo Haroldo ali passou seus olhos, relendo-os com paixão — palavra que, inevitavelmente, voltarci a empregar. Ainda ali, percorri seus quadros, suas esculturas, seu fino mobiliário e quis-me quedar naquela sala parado no tempo, pois lá estava, impregnada em tudo, a oficina do Autor, o seu santuário.

Conheci seu filho, rapidamente, que, se não me engano, preparava-se para algum exame especial. E, depois de assuntos vários brotados de diferentes pontos — a localização do apartamento, o seu tamanho, a mudança de Haroldo para o Rio, a sua permanência de dois anos em Brasília, a autoria de certo quadro, a preferência por determinados sabores de sorvete, etc. — voltamos a falar da sua obra.

Em dado momento, Haroldo referiu-se ao seu Diário, com cerca de 5.000 páginas, o qual continuava crescendo “porque era uma coisa que ele não podia deixar de fazer”. Naquela altura mencionou estar trabalhando em torno dos retratos de pessoas inventadas, extraídas do seu Diário, e conjecturou um título possível: *Pessoas*. “O que seria também uma forma de homenagear Fernando Pessoa”, acrescentou. Nessa linha, falou da técnica empregada em grande parte n’*O tetrânero del-Rei*: a articulação de textos de autores seus queridos e respeitados — muitos remontando às suas ávidas leituras juvenis — com o

<sup>1</sup> MARANHÃO, Haroldo. “Um existentialista em Belém e outras histórias”. In *Cadernos de leitura*, São Paulo, v.16, n.3, jan.-fev., 1993.

<sup>2</sup> Atualmente o Autor reside em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais.

propósito de prestar uma “homenagem” de tipo tão encontrável na música erudita como, por exemplo, uma frase musical de Mozart em Beethoven, etc. Homenagem essa, no seu caso, também a autores esquecidos — o caso do Frei Amador Arrais —, e mesmo a palavras hoje só “em estado de dicionário”, evocando Drummond.

Da longa conversa que tivemos constatei que estava diante de um Autor cuja vida é a própria escritura, vida que é percebida, ou melhor, possuída através da sua apreensão ficcional. Estava certo, agora, de que a matéria do Autor assentava-se num patrimônio de leituras, acontecimentos e situações agudamente observados; de rodeios lingüísticos — especialmente paraenses — registrados na sua assombrosa memória; de experiências de vidas, narradas e transformadas, ato simultâneo, em ficção. Nada sairia da sua lavra que não fosse fruto da intensa paixão que o ata a tudo que o cerca, do bom e do mau.

Seus textos estão repletos de vida pulsante, suas personagens saltam da folha e convivem com o leitor, a ponto de tornarem-se parte do seu repertório ativo. Como deixar de incluir no rol dos nossos conhecidos, dos especialmente conhecidos, o “croquetinho” Palmar Demisso Colombo, d’*Os anões*?; ou o, embora avoengo, fino fidalgo Dom Jerônimo d’Albuquerque — o Torto, d’*O tetraneito del-Rei*?; ou os, mais recentemente vindos à luz, Palma Cavalão, temido editor do “Folharal”, e seu inimigo hidrofobo, o governador Coronel Cagarraios Palácio, de *Rio de raivas*?; ou, ainda, o vertiginosamente visionário e homem do mundo Dr. Philippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, de *Cabelos no coração*?; ou o mais ousado de todos: o moribundo Machado de Assis de *Memorial do fim*? Como esquecer as mil anedotas que os acompanham?, ou anedotas outras, cujas personagens não se impuseram, mas impuseram-se as próprias, histórias ímpares, antológicas? No cadinho de Haroldo Maranhão, os nervos imprimem paixão, e é dessa poção que bebemos ao abrir qualquer dos seus frascos preciosos: romances, novelas, contos, crônicas, diários...

Ao se lerem — no que espero ser a primeira das sucessivas compilações de seu Diário — as duas epígrafes de *Senhoras & senhores*<sup>3</sup> (não *Pessoas*, como o havia sugerido), damo-nos conta da obra orgânica de Haroldo, dos propósitos que a e o orientam: “Viajam comigo todas as palavras/ umas que levo na cabeça, outras/ no coração.” (Cassiano Ricardo) e “Gosto de sentir/ a minha língua roçar/ A língua de Luís de Camões.” (Caetano Veloso).

O Diário que nos oferece, apresentado em fragmentos numerados de 1 a 53, é o “invariável compromisso de todos os dias, ginástica diária. Exercícios de flexão e ficção.” Assim é como a eles se refere na espécie de “advertência” que segue a epígrafe e antecede o índice. Esses “exercícios de flexão e ficção”

<sup>3</sup> MARANHÃO, Haroldo. *Senhoras & senhores*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

parecem-me ser uma mina de ouro para o estudioso da obra de Haroldo Maranhão — aí estão os copos, a roca e o tear desse endemoninhado tecelão:

Escrevo feito um possesso: como se me restassem horas de vida e precisasse escrever um romance de trezentas páginas. (...) E todos os dias a fiação repete-se, o acertar as agulhas, o empregar as linhas melhores, o pano grosso ou o tecido de seda. E o enfiar e o reenfiar a ferramenta com força e ira, ou docemente em muito escassas vezes, fel e mel minando de mim, ódio e pequenos atos de amor, sussurro e berro.<sup>4</sup>

No Diário, Haroldo mostra-nos o avesso do tecido, os escondidos nós — o compromisso consigo próprio e com a sua escrita, o *ergon* da sua vida:

Escrevo porque, Deus, preciso sem cessar estar buscando no infinito a partícula irreproduzida e minha. Não ambiciono mais que a minha partícula. Ela, onde me espera, expectante também? Então, percorrem-me raivas que reprocesso na palavra escrita. Eu. O tempo terminando-se. Ela que tarda,<sup>5</sup>

Das páginas do Diário irrompem momentos de profundo amor e piedade, como também de incontido ódio. Registros rápidos de pessoas, fatos ou juízos que lhe causaram impressão; relatos de sonhos; meditações acerca da escritura, da vida; cartas endereçadas a falecidos... Quantos mortos transitam nessas páginas! Mortos-mortos e mortos-vivos, mais estes que aqueles. Há tanto do Haroldo escritor espalhado pelos variados narradores: Thomás Fausto Canabrava (excerto 33), Salomão (excerto 34), Saul (excerto 48), tanto do Haroldo homem em excertos como o 7, sobre Carlos Drummond de Andrade, ou o 53, o último, sobre um certo pai viúvo e o filho de dezoito anos. Nesses “exercícios de flexão e fieção” está o homem, o escritor e a obra. Mas como, na obra, o homem sem o escritor? Eis um de seus temas fulcrais: o da questão da identidade pessoal, magistralmente tratado nas novelas — assim as batiza o Autor — de *A morte de Haroldo Maranhão*, revisitado no excerto 9 do Diário, onde o verossímil — a ficcionalização do diário real — torna-se fictício na medida em que a realidade quer apoderar-se do fictional, forçando o meio de fixar-se, a palavra, e impondo-se pela força exercida pelos nervos do escritor no

<sup>4</sup> MARANHÃO, Haroldo. *Op. cit.*, p. 1-2.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 2.

seu real, verdadeiro veículo de fixação: a mecanografia e o papel fendido — hoje substituídos por um incansável computador a primeira, o segundo pela folha de impressão *laser*. Diante do desesperado ódio brotante da realidade que vai avolumando-se em palavra frente aos olhos do Autor e a “confissão” sulcando o branco do papel, somente resta desaparecer, sucumbir ante o peso revelador, rematando-se o ponto aí, onde foi possível chegar, e tomar de nova agulha, linha e tecido, ... que nem tudo se pode costurar:

De repente, pára um carro e saltam dois homens e me afrontam e me provocam. Vejo que têm ódio na cara. Mas minha cara tem muita raiva também. Eles me encaram e eu os encaro, a dois metros. Nem chego a esboçar a menor reação. Eles sacam dos bolsos revólveres e disparam quase ao mesmo tempo os dois tiros, que me acertam em cheio e me matam.<sup>6</sup>

... mostrando que o narrador (usaria também este por pseudônimo literário o nome de Haroldo Maranhão como em “A morte de Haroldo Maranhão”, a última das três novelas de *A morte de Haroldo Maranhão*?) fora morto *no texto* por causa do seu ódio ficcionalizado, “da sua literatura”, nas palavras de Fernando Py. Essa obsessão pelo duplo, de modos vários, está presente ao longo de sua obra, quer mascarada, revisitada ou redimensionada, como ocorre na sua última novela, *Miguel Miguel*.

Outra questão que inquieta o Autor é a do exercício ilimitado do poder, chegando à abominável consequência da tortura em pleno século XX. O seu antológico conto “O leite em pó da bondade humana”, constante de *As peles frias* — das páginas mais violentas que já se escreveram sobre a tortura — e a consangüínea peça teatral ainda inédita *As carnes quebradas* (Prêmio Nélson Rodrigues de 1986, do Instituto Nacional de Artes Cênicas — INACEN) posicionam-se entre os que compartilham da necessidade de reprisar essa temática, que parece ter desaparecido da recente memória brasileira. No Diário, obliquamente, o tema é referido no excerto 47, em que, à causa do serviço militar obrigatório, aproveita-se para baixar o malho no “abominável militarismo”.

A preocupação constante de Haroldo com a *palavra-significado* estende-se, naturalmente, aos nomes próprios. Foi Benedito Nunes quem me aconselhou que iniciasse a leitura do Diário pelo excerto 4, o dos prenomes. É fragmento que revela muito da sua agudeza e ironia diante dos intransponíveis degraus do preconceito social no Brasil, aos quais acrescenta a sua irreverente comicidade

<sup>6</sup> MARANHÃO, Haroldo. *Op. cit.*, p. 25.

e o seu peculiar sarcasmo, que tanto o aproximam do seu confessadamente — e homenageado — grande mestre Machado de Assis:

Ao ser inscrita no Registro Civil, a criança tem selado o destino. Doem as verdades, queimam a alma, incomodam sensíveis pessoas. Todas as meninas Gersonises envelhecerão sem jamais entrarem nem ao menos na classe econômica de um trirreator da Varig ou da Air France para atravessarem o Atlântico e bronzearem a pele no verão de Cannes ou praticarem esportes de inverno em Couchevel. Jamais uma delas terá endereço na Rua Iposeira com vista para o *green* do Itanhangá Golf Club. Nunca terão a oportunidade de ombrear-se no Country com o secretário da ONU de passagem pelo Rio, até porque Gersonises não terão acesso ao Country senão como babás.<sup>7</sup>

Ou ainda no excerto 46, o estigma do nome que perseguiu o carioquizado Ray, com ‘y’, originalmente o nortista ex-Raimundo, aliás ex-Mundico. Igualmente inesquecíveis são os nomes dos personagens de seus romances *Os anões* e *Rio de raivas*. O significado do nome do protagonista do primeiro, Palmar Demisso Colonho, obtive-o do próprio Haroldo: “Palmar, que tem um palmo; Demisso, que é um demitido e Colonho, que se pode levar ao colo”.

*Senhoras & senhores* (em cuja capa, devido a erro de composição, não consta a palavra *Diário*, conforme descobrimos ao lermos na “advertência”: “Na capa está avisado que é um Diário.”) está composto de textos cuja maioria poderia enquadrar-se no rótulo geral de *crônicas*, não fosse a origem mesma desses textos (elaborados a partir de um Diário real, existente), excetuando-se aqueles que fogem a essa generalização, pois no *Diário* de Haroldo Maranhão incluem-se contos, cartas, relatos dramáticos, inclusive depoimentos. O que, ao fim e ao cabo, integram uma escritura que não se limita a formas específicas, já que essa variedade é uma das características da própria genealogia do gênero *diário*. Porém, todos esses relatos, enforma-os sempre a ficção. E, sobretudo, mantém-se latente aquele primeiro título cogitado: *Pessoas*, enfatizado pelo definitivo, numa proposta de diálogo com o leitor: *Senhoras e senhores...*

A primeira reação de Benedito Nunes ao terminar a leitura do *Diário*, produziu-se em texto.<sup>8</sup> Amavelmente confiou-me uma cópia, da qual tomei a liberdade — concedida pelo Autor — de citar algumas passagens por considerá-las fontes esclarecedoras da gênese do *Diário*. No ensaio, Benedito refere-se ao fato de que nos “plácidos anos quarenta, sob o bombardeio das notícias de uma

<sup>7</sup> MARANHÃO, Haroldo. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>8</sup> NUNES, Benedito. Texto manuscrito inédito. 1990.

guerra distante”, os Diários eram uma leitura relevante do “grupinho que escrevia no *Suplemento Literário da Folha do Norte*”, a saber: F. Paulo Mendes, Benedito Nunes e Haroldo Maranhão. Contudo, os Diários que mais os atraíam eram os íntimos, os de Amiel, André Gide e Franz Kafka. “Interessavam-nos as revelações íntimas, as rebeliões secretas dos escritores. Acreditávamos que a sinceridade vinha antes da ficção.” E, freqüentemente, um ameaçava o outro de ter um diário secreto: “— Isso vai entrar hoje no meu Diário!”, o que causava certa inquietação marota entre eles, pois ninguém sabia ao certo se tais diários existiam. A verdade parece ser que nenhum cultivou o gênero propriamente; mas, nas páginas de *Senhoras & senhores*, conforme Benedito aponta, “(...) talvez, agora, muitos de nós, entre parentes e conhecidos, compareçam, senão nas [suas] páginas, na matriz de que elas procederam: o imenso repositório, regurgitante de páginas datilografadas — há pouco substituídas pelas tiras impressas de um computador — diariamente enriquecido por quem não tinha diário quando cada um de nós dizia-se cultor do gênero”.

Todavia, não se pense que estamos diante de diário do tipo “íntimo, confessional e crítico” como o dos autores referidos; ainda nas palavras do crítico e amigo, “a primeira grande diferença que o separa daquele mito literário de nossa juventude é o papel prioritário da ficção sobre a sinceridade. Como autêntico escritor, Haroldo Maranhão aprendeu por si mesmo o que os simples ‘escreventes’ (*écrivants*) raramente alcançam através da teoria: a ilusão da sinceridade enquanto ideal da completa transparência subjetiva na linguagem”.

Como se vê, a referida “matriz” avoluma-se: das 5.000 páginas, quando do meu encontro com Haroldo, muito poucas foram usadas em *Senhoras & senhores*. E certamente não pararam naquela cifra. No seu baú, que “não é o de Fernando Pessoa” — palavras suas —, mas na sua “caixa”, há textos inéditos, outros apenas começados — à espera de que “a relação conflituosa” entre esses textos interrompidos e o seu Autor conheça um momento de trégua.

Naquele memorável encontro de 1.<sup>º</sup> de janeiro de 1987, gravei sua voz em fita magnética e, ali, ela afirma: “Eu estou imaginando fazer um aproveitamento do meu texto, do texto do meu Diário. É uma idéia que me ocorre porque, veja bem, são 5.000 páginas!, não? Pelo menos talvez eu possa trabalhar em cima de 2.500 páginas... Seriam dez volumes de 250 páginas!”<sup>9</sup>

*Senhoras & senhores* apareceu com 126 páginas. Conhecendo o processo de cortes de Haroldo Maranhão, era de esperar-se tal redução; o que vale dizer que, se o projeto continuasse — e esperávamos que sim —, a sua produção ficcional seria enriquecida por aquela recente categoria inaugurada pelo Autor, a do diário (do seu *d(D)íario* ficcionalizado), ladeando as outras em que já se

<sup>9</sup> FRANCONI, Rodolfo A. *Haroldo Maranhão*. Entrevista gravada. 1.<sup>º</sup> jan. 1987.

consagrou: a da crônica, do conto, da novela, do romance, do teatro e a produção infanto-juvenil.<sup>10</sup>

## Sobre Haroldo Maranhão

Haroldo Maranhão nasceu em 1927, na cidade de Belém, Pará. Aos treze anos, já atuava como repórter de polícia na *Folha do Norte*, onde chegou a redator-chefe. Foi jornalista militante e advogado da Caixa Econômica Federal. Mais tarde mudou-se para o Rio de Janeiro, e lá morou mais de trinta anos. No Rio é que viria a estrear como escritor, depois de aposentar-se do serviço público, quando passou a disputar prêmios e a publicar livros. Define-se como um escritor carioca/paraense ou paraense/carioca. Atualmente, como já foi dito, reside em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais.

## RESUMO

Este ensaio é consequência de duas situações: uma entrevista com o Autor, no Rio, em 1987, e uma conversa com Benedito Nunes, nos EUA, em 1990. O resultado é

<sup>10</sup> Livros publicados — **Histórias curtas:** *A estranha xícara*. Rio de Janeiro: Saga, 1968; “A curta felicidade do Senhor Desembargador”/ “O velho e as suas moedas”/ “As austriacas”/ “Por causa de um cofre”/ “Feias, quase cabeludas”/ “Um paraibano do Rio”/ “Amor na tarde”/ “O neto do Imperador”/ “O asseado”/ “Homem nu em Manaus”/ “O poeta às 6 da tarde”, in *Moderní Brazílská a Portugalská Próza, II*. Antologia de Zdenek Hampl, Universidade Karlova, Praga, Tchecoslováquia, 1969. Crônicas e histórias curtas: *Flauta de bambu*. Rio de Janeiro: Mobral, 1982. (Prêmio Nacional Mobral de Contos e Crônicas de 1979). Contos: *Chapéu de três bicos*. Rio de Janeiro: Estrela, 1975; *Vôo de galinha*. Belém: Grafisa, 1978; *As Peles frias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. (Prêmio do Instituto Nacional do Livro de 1981); *Jogos infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. Novelas: *A morte de Haroldo Maranhão*. Brasília: GPM, 1981. Prêmio da União Brasileira de Escritores de São Paulo de 1981; *Miguel Miguel*. Belém: CEJUP, 1993. Romances: *O tetraneito del-Rei* (*O torno: suas idas e venidas*). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. (Prêmio Guimarães Rosa de 1980, “Hors Concours” do Prêmio Fernando Chinaglia de 1981); *Os anões*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. (Prêmio José Lins do Rego de 1982); *A porta mágica*. Coimbra: Vértice, 1983. São Paulo: Scipione, 1988. (Prêmio Vértice de Literatura de 1983), Portugal; *Rio de raivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983; *Cabelos no coração*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990; *Memorial do fim* (A morte de Machado de Assis). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1991. Diários: *Senhoras & senhores*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Infanto-juvenis: *Dicionarinho maluco*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984; *O começo da cuca*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985; “Cortininha de filó”, in *Ritos de passagem de nossa infância e adolescência*. Org. de Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1985; *Quem roubou o bisão?* São Paulo: Quinteto, 1986; *A árvore é uma vaca*. Rio de Janeiro: Mercado Aberto, 1986.

a tentativa de ver, através do diário *Senhoras & senhores*, de 1989, parte da matéria-prima que dá base ao processo de ficcionalização na obra de Haroldo Maranhão.

*Palavras-chave:* Haroldo Maranhão, ficção brasileira, diário.

## ABSTRACT

This essay is a consequence of two events: an interview with the Author, in Rio, in 1987, and a talk with Benedito Nunes, in the United States, in 1990. The result is an attempt to deal with the journal *Senhoras & senhores*, published in 1989, part of the raw material that gives the source to the process of fictionalization in Haroldo Maranhão's work.